

Que Pode a Escola Diante do Fascínio da TV?

“Uma nova linguagem raramente é bem recebida pela antiga que a precede.”

E. CARPENTER

Quem assistiu ao filme **Muito Além do Jardim** certamente há de se lembrar da magistral interpretação de Peter Sellers, encarnando um homem simplório, jardineiro, de mente infantil e que vivia literalmente em função da TV. Era ele um "videota".

Limitado em sua capacidade de apreensão, entendimento e expressão da realidade, o cotidiano daquele jardineiro organizava-se e instituía-se como reprodução, cópia quase perfeita do que se passava do **lado de dentro do vídeo**. O simulacro que a TV produzia tomava o lugar da vida e sobre ela se impunha como verdade inquestionável. O exterior e o real sensível, ao contrário do que normalmente se observa, funcionavam apenas como cenário, espécie de pano de fundo, sobre o qual a imagem analógica do vídeo se instaurava com **estatuto de verdade**, mesmo que uma verdade fortemente distorcida e conturbada.

Assim, Mr. Gardener, o jardineiro-personagem, sem autoconsciência e sem autocrítica, permanecia alheio à própria vida, alheio ao mundo sensível que ficava do **lado de fora**

do vídeo. Nele, o processo de desagregação da realidade aflorava e instaurava-se plenamente.

E, para os mais radicais, cujas "análises catastrofistas" do homem contemporâneo e do mundo nada mais são que um nítido e forte reflexo ainda de um ranço positivista, um filme como esse acaba-se tornando um **prato cheio** a alimentar longamente interpretações niilistas, unívocas, extravagantes e equivocadas a respeito de fatos e dados novos. Um filme belíssima como esse, agora descarnado de sua dimensão simbólica e metafórica – dimensão que verdadeiramente o sustenta –, acaba sendo visto por muitos por uma ótica reducionista e imediatista, na medida em que a partir da obra de ficção se transpõem para a vida situações e circunstâncias exemplificadoras, sem qualquer processo de mediação entre o ficcional, o alegórico e o real.

E que têm a ver estas reflexões iniciais com o tema que se pretende discutir aqui, que é o das relações entre TV e Escola? A digressão, necessária pensamos, deve funcionar como um alerta contra posições de extremado pragmatismo e que geralmente se encontram nas críticas que se fazem à TV.

A televisão, ao lado do computador, configura-se como o invento mais importante do século XX. Sobre TV fala-se muito, fala-se sempre, contra ou a favor. Diante dela quase ninguém se mostra indiferente. Amada por milhares e milhares de pessoas, aparentemente ignorada por muitos, atacada por tantos mais, a verdade é que a televisão veio para ficar. A televisão, definitiva e ao mesmo tempo definidora de **novas formas** de organização social e familiar, de certo modo instaura um outro tipo de espaço social, no qual **formas também novas** de convivência são construídas, obedecendo a um *timing* diferente e que redireciona, em grande parte, os caminhos do próprio lazer.

A televisão indubitavelmente exerce hoje um enorme poder de sedução e persuasão sobre seus públicos.

No entanto, apesar de muito se discutir sobre TV, comparando-a ou não a outras realidades, a outras atividades e instituições, como se faz, por exemplo, no que se refere ao binômio TV-escola, tais análises nem sempre se mostram lastreadas por um necessário e pertinente referencial teórico, que conduza a um julgamento, a. um só tempo, objetivo, sereno e flexível do tema.

Em virtude de muitas evidências dessa natureza, conforme tão bem pontuou Umberto ECO (1970), os estudos realizados sobre a TV, suas características, funções e efeitos,

no mais das vezes, apresentam-se polarizados e de forma um tanto radical. Assim, de um lado surgem os "integrados" que aceitam e enaltecem exacerbadamente o veículo e, de outro lado, aparecem os "apocalípticos" que, *a priori*, o condenam com igual exacerbação.

Resultam de tais posições certos **conceitos** e **preconceitos** a respeito de TV, que precisam ser examinados com cautela. De forma geral, questiona-se muito a TV, exaltando-a ou sobre ela lançando "culpas" as mais diversas e das mais diferentes naturezas. Televisão passa então a ser ou o remédio para todos os males ou o agente responsável pelos mais variados e sérios problemas, sejam eles de natureza social, cultural, psicológica e mesmo pedagógica.

O espaço de representação da TV hoje, os papéis que desempenha ou que lhe são atribuídos demonstram fartamente que o veículo se tornou **parte integrante**, se não **integradora**, do cotidiano de todas as pessoas em praticamente todo o mundo.

Voltando então aos **conceitos** e **preconceitos** ligados à TV, a que já nos referimos, focalizaremos inicialmente os que se revelam como mais "integrados" e que atribuem ao veículo uma função quase messiânica. Assim, neste enfoque, surge uma TV concebida como sendo "uma janela para o mundo", janela através da qual o "real" chegaria até nós, entraria em nossas casas, sem que precisássemos manter contínuos contatos com o exterior. E, na medida em que a TV consegue transportar a realidade sensível do mundo para dentro de nossos lares e para dentro de nós mesmos, muitos acreditam que o veículo possa, conseqüentemente, substituir contatos e instituições humanas imprescindíveis, conseguindo mesmo, no caso do ensino, substituir melhor a escola e o próprio professor.

Esquecem-se os excessivamente "integrados" que a imagem projetada pela TV, por mais analógica que seja, jamais deixará de constituir apenas um simulacro do real. Para eles, a TV resolveria boa parte dos males dos indivíduos, podendo até mesmo substituir a relação interpessoal, o contato pessoa-pessoa. Ilusão vã, felizmente! As relações interindividuais e o contato social são absolutamente insubstituíveis.

Se por esse lado, conforme o enfoque descrito, a TV resolveria tudo, por um outro nos defrontaremos com um tipo de posição, não menos radical, daqueles a quem Umberto ECO denomina "apocalípticos". Para estes últimos, a TV é o grande monstro da modernidade, acarretando ao indivíduo prejuízos irreparáveis.

Dentre os estudos mais extremados que se desenvolvem nessa linha, a televisão, enquanto veículo de massa, teria o poder de alienar o indivíduo de sua realidade objetiva, fazendo com que ele, "prisioneiro" da TV e por ela "hipnotizado", se tornasse um ser passivo, massificado, sem capacidade pessoal de reflexões próprias e

de imaginação. Seria um pouco a imagem do "videota" do filme de Peter Sellers.

Mas especificamente no que diz respeito à escola e ao ensino de forma geral, essas opiniões mais extremadas chegam a atribuir à TV a maior parte da "culpa" por certos **problemas e fracassos que comumente são observados na educação formal**.

Assim é que, frequentemente, ouvimos do grupo social, dos pais, de professores e de muitas autoridades escolares afirmações, a nosso ver, um tanto apressadas e que não resistem a uma análise mais rigorosa.

À televisão atribuem, dentre outras coisas, o fato de as crianças **lerem pouco** e de **não gostarem de escrever**; ou, ainda, a "culpa" de os pequenos se afastarem da escola. A TV, dizem, "rouba" das crianças e jovens um precioso tempo que seria dedicado à leitura. A TV, acrescentam, "uniformiza o pensamento", resultando daí uma linguagem verbal estereotipada, sem inventividade e que a todos "nivela por baixo". A TV ensina as crianças e os maiores a "falar errado" e a utilizar expressões de mau gosto, quando não de baixo calão.

Existem até mesmo alguns autores de certo renome que atribuem à TV o poder de bloquear, entre os pequenos, boa parte de sua atividade cerebral. É o que verificamos, por exemplo, na obra de M. WINN (1979), em que a autora, discorrendo sobre o desenvolvimento e as funções dos hemisférios cerebrais, adverte para a possibilidade de ocorrer um bloqueio da atividade lingüística entre os menores, já que, permanecendo eles várias horas diante da TV e pouco se manifestando verbalmente, teriam talvez uma atrofia em seu hemisfério esquerdo, pois a TV estimularia, pelos sons, cores e imagens que emite, muito mais o hemisfério direito.

Trata-se, à primeira vista, de uma exposição aliciadora e atraente da parte de M. WINN, caso não sejam analisadas cuidadosamente, e por quem de direito, as afirmações um tanto gratuitas, bem como os equívocos científicos contidos neste texto.

Ainda que não descartássemos opiniões como as da autora referida, bem como aquelas outras por nós elencadas um pouco antes, um ponto fundamental surge como esclarecedor das inquietações, que é o da **força das evidências**.

Vejamos. Quando se lança sobre a TV boa parte das "culpas", por exemplo, a de ser responsável por um aproveitamento escolar deficiente, por um trabalho sofrível com a leitura, com a produção escrita e com a expressão da oralidade, elas, transferidas para o veículo, são em geral aceitas por muitos, com grande facilidade e sem quaisquer questionamentos. Poucos interrogam mais a fundo certas relações que aí se estabelecem no intuito de encontrar as raízes verdadeiras.

Examinando, pois, alguns desses muitos preconceitos relativos à TV, por meio dos quais deslocam-se as "culpas" de seus *loci* próprios – quando o assunto é o insucesso e o fracasso escolar –, transferindo-as ao veículo televisual, observaremos como tais deslocamentos não resistem a qualquer reflexão um pouco mais demorada.

Pensando, por exemplo, no problema do baixo nível de leitura e do afastamento dos alunos do livro, já que tal atividade não os atrai nem os satisfaz, teríamos de levantar algumas questões. Será que muito mais crianças e jovens de nosso país liam também mais e com maior prazer anteriormente ao surgimento da TV? Pensamos que não. E o que tem feito efetivamente a escola de 1º. e 2º. Graus para tornar prazerosa e atraente a atividade de leitura? Acreditamos que pouco.

Em verdade, a leitura somente poderá alcançar o lugar que merece, se vier a se constituir numa atividade valorizada, de bom nível, sendo, portanto, bem acolhida pelo grupo que a produz, pois como bem afirma o próprio Umberto ECO (1970, p. 349): "é lícito pensar que a TV só desvie da leitura em casos em que a leitura não constitui elemento de formação cultural". E, infelizmente, no Brasil, a relação leitura/cultura/escola ou ainda não se constituiu ou então deixa muito a desejar.

Afirmar-se também que a TV afasta os pequenos e jovens da escola, já que nesta, em geral, não encontram o prazer que a televisão proporciona, é cair em mais um equívoco que exige retificação.

Se é válido e pertinente compararmos TV e Escola, já que ambas mantêm alguns pontos de intersecção, uma vez que às duas cabe a função de informar e educar, é preciso, no entanto, resguardarmos essas instituições naquilo que lhes é inerente. TV e Escola configuram-se como realidades diferentes uma da outra, seja pela suas origens, seja pelas suas naturezas. TV e Escola não são perfeitamente **complementares e isomórficas**, nem se mostram como radicalmente **antinômicas**. Se cabe à escola, precipuamente, promover a **educação formal**, na qual está compreendida também a informação, toca à TV, fundamentalmente, propiciar lazer e divertimento ao público por meio da informação e ainda, por que não dizer, por meio de **propostas educativas de caráter não-formal**.

Entretanto, nada impede que a escola lance mão da TV e que esta, por seu turno, se proponha a auxiliar o trabalho pedagógico. Sobre um aspecto nuclear, porém, temos de nos municiar conscientemente para não cairmos em inesperadas ciladas. Se TV e Escola podem-se associar em determinadas oportunidades, essa mesma TV, no entanto, **não pode e não consegue**, seja a que pretexto for, substituir a escola e muito menos o professor, visto que a relação institucional, bem como aquela, de caráter intersubjetivo, que resulta do contato pessoa-pessoa, revela-se **insubstituível**.

Escola e TV precisam ter bem delineados os limites de abrangência de seus campos. Ainda que entre tais campos haja desejáveis intersecções, é necessário que se mantenham bem definidas as especificidades e funções de cada uma. Em que pese a tais advertências, cabe ressaltar como são positivas certas realizações televisuais, que podem e devem ser aproveitadas pela escola.

Se a Escola culpa a TV por ela ser tão sedutora e atraente, por que razão essa mesma escola não procura mostrar-se menos **sisuda** e mais **instigante**? A escola, muitas e muitas vezes, trabalha sobre conteúdos insípidos, inodoros e que são, freqüentemente, desnecessários. **Lazer, prazer e diversão**, parece-nos, surgem como vocábulos e realidades totalmente incompatíveis com o que se faz na escola. Impõe-se, quase sempre, de fora e de cima, a necessidade de se manter um tom **pesado e taciturno** quando se trata do ensino formal. Na verdade, não nos devemos esquecer da máxima francesa, segundo a qual —te jeu ne s'oppose pas au sérieux"; e para que sejamos sérios, para que ensinemos bem, não necessariamente precisamos, enquanto educadores, permanecer distantes dos alunos, seja pelas nossas atitudes, seja pelo próprio discurso de que nos servimos.

Não se pode esquecer, retomando o tema deste trabalho, que "se a escola impõe", "a TV oferece", e ainda é preciso lembrar o fato de que "a escola foi feita para um tempo sem televisão" (CHALVON, 1979).

Se as "culpas" lançadas sobre a TV são muitas, enorme também é o poder que a ela se atribui. Assim, portanto, reproduzindo alguns daqueles preconceitos a que já nos referimos, se o veículo "aliena", "hipnotiza", "impede a imaginação pessoal" e "uniformiza o pensamento", tal veículo seria capaz também ou de "impedir o desenvolvimento lingüístico de crianças" ou de "ensinar", sobretudo os menores, a "falar errado", na medida em que acabariam por reproduzir automaticamente a linguagem ouvida na TV.

E o que demonstram os fatos? As crianças vêm realmente muita televisão. Vêm TV de forma excessiva. No entanto, toda a literatura de que se dispõe a respeito jamais registrou, entre crianças mentalmente saudáveis, qualquer decréscimo ou mesmo um eventual bloqueio em sua produção lingüística. Crianças continuam falando e muito, como, de resto, sempre o fizeram quando se sentem livres para se expressar.

Devemos, sim, nos preocupar seriamente com o fato de os pequenos ficarem muitas horas por dia diante da TV e também com o fato de terem na televisão sua única opção de lazer. Este é um aspecto que deve ser questionado por todos: pelo grupo social, pelos pais, pelos educadores e também por todas as matrizes geradoras de educação, a fim de que se encontrem alternativas.

E quanto ao desempenho lingüístico? Estaria realmente a TV ensinando a "falar errado" ou estaria ela conduzindo os indivíduos a uma expressão verbal uniformizada, que, por seu turno, refletiria ainda um processo de estereotipia do pensamento? Antes de tentar responder, mais algumas considerações são necessárias.

De que forma se constrói e se desenvolve o desempenho lingüístico de um falante em sua **língua materna**? Por meio da relação interpessoal, do contato permanente com o **outro** e por força da contínua interação social que os indivíduos estabelecem entre si durante a vida toda.

Pensando, pois, em língua materna e em Brasil, o que temos realmente como resultado da relação TV/indivíduo? Tomando-se, por exemplo, a Rede Globo de Televisão, cujo sinal alcança 99' / . dos municípios brasileiros, e considerando a pluralidade dos gêneros veiculados pela referida emissora, o que observamos? Um canal de TV que produz jornais informativos, novelas, minisséries, programas de variedades, como é o caso do **Fantástico**, além de documentários, entrevistas, programas humorísticos e filmes diversos, destinados ao cinema ou á própria TV.

Quanto ao padrão lingüístico veiculado, seja pela Globo, seja pelas outras emissoras, este pode ser considerado como característico de uma **norma padrão** de linguagem, norma que se revela menos ou mais culta, menos ou mais formal, conforme a natureza do gênero veiculado. Não se verificam nas emissões verbais da Globo, como também nas de outras redes, "desvios" gramaticais graves que fujam a esta **norma padrão**. Nota-se apenas uma ou outra liberdade com o verbal, que se encaixa naquele tipo de "desvio" bastante comum e próprio de um registro lingüístico que, mesmo tendo como base de sustentação a modalidade **escrita**, se propõe muito mais enquanto comunicação **oral**.

Ora, se a TV "ensinasse a falar" realmente, se a TV ditasse as regras do funcionamento lingüístico, com certeza já teriam desaparecido, em face do número de horas a que se assiste TV, as variantes regionais, as variantes populares, o falar caipira. Se a TV tivesse todo este poder, grupos menos privilegiados cultural, econômica e socialmente já teriam eliminado o "nóis vai, nóis tem, nóis fica", tão saboroso do falar popular. Estaríamos todos, em todo o País, falando como se fala na Globo.

E, em verdade, o que se constata? Mesmo os indivíduos vendo e ouvindo em média cinco horas de TV por dia, não se tem registrada qualquer ocorrência de alterações profundas que pudessem ser marcadas entre as diferenças dialetais. Os grupos lingüísticos mantêm-se intactos pela inter-relação dos elementos que os compõem. E a variante lingüística que sempre prevalece é aquela que o grupo utiliza, não o registro imposto de fora e que exclui a interação pessoa-pessoa.

Televisão alguma "ensina" ou "desensina" a língua materna a um falante. A TV pode ser excelente auxiliar no aprendizado voluntário e consciente de uma segunda língua, de uma língua estrangeira, por exemplo.

Se algumas pessoas repetem, vez por outra, uma expressão, um jargão veiculado pela TV, tal ocorrência não é representativa em termos de atitude lingüística. A graça, o senso de oportunidade que caracterizam a repetição, por um telespectador, de alguma frase dita sempre por determinada personagem, cessam por completo, tão logo essa personagem saia do ar. Como soaria anacrônico, hoje, alguém ficar repetindo a "fala", antes tão conhecida, do Sinhozinho Malta, da novela **Roque Santeiro**: "tô certo ou tô errado?", fala que vinha sempre acompanhada pelo balanço de um guizo do relógio da personagem.

A TV e o verbal da TV envelhecem quase tão rapidamente quanto as manchetes dos jornais. O fugidio, o efêmero são as marcas indelévels das mensagens televisuais que nunca permanecem e apenas resistem durante um tempo breve à custa de incansáveis repetições.

Se a TV nenhum poder exerce sobre a originalidade e a criatividade do verbal de cada um e de cada grupo, o mesmo se dá com seu pretense impacto sobre a imaginação. É evidente que a TV consegue impor modelos de vida, consegue criar necessidades de consumo. No entanto, o imaginário individual permanece livre e indevassável, reequilibrando a dimensão psicossocial do indivíduo e revelando-se imune ao poder dos simulacros tão próprios da emissão televisual. E por que razão o imaginário pessoal não se modifica ante esses simulacros? Pelo simples fato de, como ensina BAUDRILLARD (1986, p. 39), "enxergarmos a realidade sobretudo com os olhos da imaginação".

As forças da repressão e da coerção acabam sendo rompidas diante do imaginário de cada pessoa pelo impacto da experiência prévia e da visão de mundo do indivíduo, que nunca é a mesma para cada homem.

Qual seria então o papel do educador e da escola diante dessa TV que é realmente sedutora e persuasiva, mas que, em verdade, não atua sobre pontos que o senso comum acredita que ela deva influenciar?

Em vez de ataques gratuitos e, no mais das vezes, destituídos de rigor teórico, as pessoas em geral, os pais, os professores e a escola, particularmente, deveriam questionar o veículo, servindo-se para tanto de critérios que sejam pertinentes à sua especificidade. Assim, é preciso indagar sobre a natureza da TV, sua finalidade, suas responsabilidades, seus deveres e seu alcance.

As linhas de estudo do veículo, sobretudo aquelas desenvolvidas em escolas, devem-se voltar para a análise dos processos de produção televisual, para os possíveis efeitos psicossociais da TV e, basicamente, para um trabalho sistemático com vistas ao desenvolvimento da **recepção crítica** pelo telespectador.

A escola precisa e deve trazer a TV para a sala de aula. E, ao fazê-lo, essa televisão não pode ser pensada monoliticamente, já que é feita de gêneros plurais. Assim, ao se analisar, por exemplo, ficção na TV, não se pode ter como baliza a obra literária e os critérios que dela dão conta. TV não é literatura e literatura não é TV. Obras literárias podem ser adaptadas para o veículo, desde que utilizem a linguagem própria de tal veículo. Todo aquele que desejar ver o livro transposto quase exatamente para a TV, tornar-se-á presa fácil de um tipo de raciocínio enviesado e que se ancora em grave equívoco.

A escola de 1° e 2° Graus não pode mais continuar ignorando a força da televisão. É preciso, antes de tudo, analisar o veículo e o tipo de poder que ele exerce, bem como suas fragilidades que são inúmeras. E uma das maneiras mais eficientes para se chegar a bom termo em semelhante empreitada reside em um trabalho intenso sobre o verbal da TV, o qual, de certo modo, sustenta a própria imagem que define o meio (M.T. ROCCO, 1989).

Pelo verbal, é possível avaliar, por exemplo, o nível de imposição e o de ordens que caracterizam os **comerciais** da TV. O estudo de certos índices lingüísticos, da função e do papel de determinados operadores verbais e a análise da estrutura sintático-semântica da linguagem podem levar o professor de Português e de outras disciplinas a um satisfatório grau de conhecimento e intimidade de seus alunos em relação à TV.

A escola de 1° e 2° Graus precisa e deve interagir de modo interdisciplinar com a TV. Assim, o professor de Artes, o de História, o de Geografia e o de Ciências, juntamente com os das demais disciplinas, podem analisar com muita pertinência o caráter científico (se verdadeiro ou não) que freqüentemente é impresso a certas reportagens veiculadas. E assim a escola poderá aproveitar e ampliar o alcance dos bons trabalhos veiculados pela TV e também desmontar outros tantos, denunciando engodos e sensacionalismos que por vezes caracterizam certas produções, comprometendo, por exemplo, a integridade do fato científico.

Ao analisarmos TV, ou qualquer outro meio de comunicação de massa, é essencial que nós, educadores principalmente, tenhamos consciência plena de nossos limites e "culpas" para não os transferirmos ao veículo em questão; mas é também necessário que adotemos uma postura equilibrada: nem excessivamente integrada", nem

excessivamente "apocalíptica". Só assim nos será possível conduzir críticas justas ao meio, bem como apreender os muitos aspectos positivos inerentes, no caso, à TV e que tanto nos podem ajudar no processo educativo.

Com serenidade e isentos de preconceitos, iremos perceber que a TV, mesmo não sendo instrutiva em alguns momentos, pode também revelar-se grande aliada da escola, desde que saibamos enxergá-la em suas dimensões próprias e desde que ajudemos nossos alunos a se tornarem sujeitos agentes e criticamente responsáveis pela construção de seu próprio processo de recepção.

O olhar humano é histórico e inteligente. O olhar humano sobrepuja os olhos da câmera, desde que esteja consciente do que vê. E para se ver TV com os necessários olhos críticos é fundamental aprender a dirigir corretamente o olhar.

Trata-se, pois, de uma tarefa urgente para o educador, para o aluno e para a escola. E se tal tarefa for cumprida, competentemente, com certeza evitará traumas e fará desaparecer muitos dos fantasmas que se fortalecem ante o medo de um linguagem nova que surge com um novo veículo que não dominamos.

Diante dos mídias, a escola pode muito. É só querer e se dispor a um contínuo e sério trabalho, durante o qual sejam deixados do lado de fora da porta temores infundados e preconceitos gratuitos, que facilmente desmoronam diante de uma análise rigorosa e bem-conduzida.

Referências Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *À sombra das maiorias silenciosas*. 2. ed., São Paulo, Brasiliense, 1986, p. 39.

CARPENTER, E. "The new languages". In: GUMPERT, G. & CATHCART, R. (ed.). *Intermedia*. Oxford, Oxford Univ. Press, 1979, p. 372.

CHALVON, M. *L'enfantdevantla télévision*. Tournai, Casterman, 1979.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo, Perspectiva, 1970.

ROCCO, M. T. F. *Linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo, Brasiliense, 1989, 40 cap.

WINN, M. *TV, drogue?* Paris, Fleurus Ed., 1979.